



## UMA MULHER QUE: UM CONVITE À MULHERES QUE GERAM IMAGENS

### *A WOMAN WHO: AN INVITATION TO WOMEN WHO CREATE IMAGES*

Desirée Ferreira<sup>1</sup>

Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (PPGAV/UFRGS)

**Não**

#### **RESUMO**

Quais as marcas inscritas pela cidade no corpo das mulheres? Ao longo deste artigo, proponho uma reflexão a partir do trabalho Uma Mulher Que. Apresento uma poética que o disparador foi o corpo de uma mulher artista no espaço público. Percorro o trajeto de um processo que se iniciou em uma experiência individual e se expandiu para o coletivo, trazendo referências teóricas e artísticas para abordar o tema e provocar novos questionamentos.

**Palavras-Chave:** Uma Mulher Que. Fotografia. Feminismo. Participação. Espaço Público.

#### **ABSTRACT**

*Which marks does the city inscribe on women's bodies? Throughout this article, I propose a reflection based on the work A Woman Who. I present a poetic whose starting point was the body of a woman artist in public space. I follow the path of a process that began as an individual experience and expanded into a collective one, bringing theoretical and artistic references to explore the subject and raise new questions.*

**KEYWORDS:** *A Woman Who; Photography; Participation; Public space.*



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

*Quando o indizível vem à luz, ele é político*  
Annie Ernaux

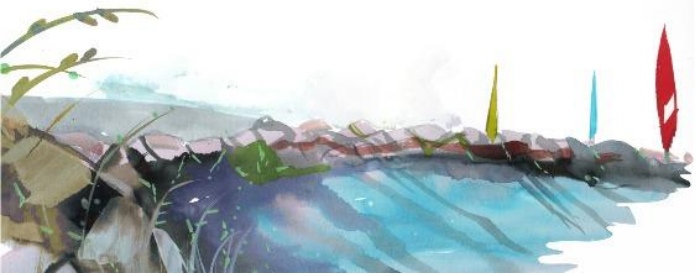
## Introdução

Ingressei no doutorado em agosto de 2023. O projeto de pesquisa vinha sendo construído e pensado desde a saída do mestrado<sup>2</sup>. Continuaría uma investigação sobre o caminhar na cidade sendo uma mulher, a partir de uma perspectiva feminista. Entretanto, abordaria diferentes linguagens e propostas artísticas. O caminho estava traçado. Bastava partir do caminhar, escrever, pesquisar e aprofundar as leituras feministas. Então veio o acontecimento.

No final de 2023, acompanhei a situação de uma pessoa próxima que passou por uma violência. A possibilidade de um mundo feminista esmaeceu diante da consciência dos estragos provocados por um sistema patriarcal e sexista. Passei a viver com um incômodo. Parecia que uma mão pressionava o meu peito. Não obstante, segui para encontrar uma forma de canalizar a sensação e a revolta que permaneceram. E nesse seguir, tentava escrever, criar, fotografar. Mas, por um tempo, não fazia sentido.

Passei o ano de 2024 alerta. Não queria falar e pensar sobre o assunto ou caminhar em uma cidade, parte de um sistema que via as mulheres como propriedade de outrem. Ao não me sentir segura, o carro se tornou o meio de transporte recorrente. Dentro dele, conseguia me deslocar. Devido ao trabalho como fotógrafa imobiliária realizado na época, dirigia diariamente por diferentes bairros da cidade, indo a lugares nos quais nunca havia pisado antes. E, no cotidiano, voltei a fotografar para encontrar uma forma de seguir a pesquisa poética.

*Quais as marcas inscritas pela cidade no corpo das mulheres?* A pergunta, embora pareça ter um tom geral, é a que me auxiliou a dar movimento à reflexão neste texto. O presente artigo apresenta o processo do *Uma Mulher Que*<sup>3</sup>, trabalho que se desenvolve a partir dessa questão. O disparador principal foi a experiência do meu



corpo, uma mulher artista, branca, cisgênero e de classe média. Ao escrever e fotografar o cotidiano, como dispositivos para uma prática que envolve a contemplação e a escuta atenta, percebi que este estava inscrito no espaço e no tempo, tensionando as posições impostas a ele.

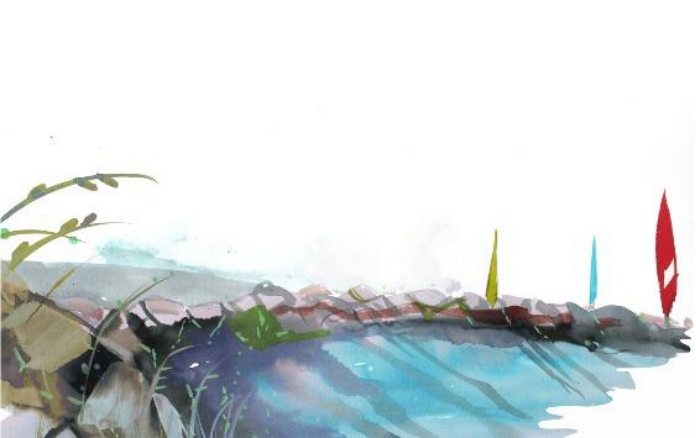
Ao abordar o corpo desde essa perspectiva, integro um arcabouço de inúmeras artistas que tratam ou já trataram o tema. Além das vivências de mulheres que passam pelo espaço público, propondo aqui apresentar uma poética que saiu de experiência individual em direção à coletiva.

### **Uma mulher que: o início**

Fotografar, escrever, ler. As três linguagens se retroalimentam em um movimento infinito e sedimentam um processo artístico que navegam entre a teoria e a prática. Hoje, me defino como uma artista que toma notas — visuais ou não. Uma mulher que registra o que vê, sente e lê como expressão e existência.

Na dissertação de mestrado intitulada *Até onde ela vai? muro, corpo e cidade: uma prática artística feminista em deslocamento*, pesquisei, entre a produção de imagens e escritos, a questão do caminhar sob uma perspectiva feminista, desenvolvendo trabalhos nos formatos de fotografias, Mapas-poéticos e um Livro de Artista.

Sophie Calle foi uma das referências da dissertação. A artista francesa realiza investigações e inserções poéticas de um âmbito pessoal na vida compartilhada, em um jogo ambíguo entre a realidade e a ficção, aproximando a fotografia e a palavra em suas obras, gerando algo novo. No trabalho *Suíte Veneziana (Suite Vénitienne, 1979)*, após ficar anos no exterior, retorna a Paris e começa a caminhar pelas ruas da cidade, conversar com os transeuntes, fazer anotações e fotografar. Em um dado momento, um homem desperta a sua atenção e Calle o segue até o perder de vista. Ela descobre que o homem iria a Veneza no dia seguinte e resolve fazer o mesmo para prosseguir sua investigação. A artista veste o papel de detetive até perder o



interesse no assunto. A partir da obsessão ou exercício performativo, surge o livro *Suíte Veneziana*.



Friday, February 22, 1980.

9:00 a.m. As I did yesterday, I settle down at Dr. Z's window. I leave at 1:00 a.m. without having seen him.

11:20 a.m. Piazza San Marco. I have my picture taken in front of the church by a local photographer.

In a blond w.g. my outstretched hand full of seeds for the pigeons, strangers watching me pose. I'm ashamed. What if he saw me?

I wander listlessly along the streets. I'm weary. The afternoon slips away like this, fatefully absent-mindedly. Did my adventure with him come to an end because he discovered me, because he knows?

6:00 p.m. I go to the meeting set up by the antique dealer. I ring, the door opens. I climb to the second floor. Luigi greets me. I remind him that I was sent by Henri B. He exclaims, "Oh, yes! The one whose wife is a cabinetmaker. It was Daniele D. who sent him to me." I nod my head.

Luigi remembers his visit; he recalls in a loud voice. "Indeed, we chatted for quite a while the other night. He came to ask if I could direct him to abandoned palazzos. But I wasn't really able to help him."

Luigi looks at me as if waiting for me to confirm this information. I remain silent, he continues.

Imagem 1: Sophie Calle: *Suíte Vénitienne*, 1979. Fonte: Anothermag

Acessar o *Suíte Veneziana* é acompanhar um jogo performático realizado em distintas linguagens. Destaco dois aspectos da obra: a escrita predominante de um registro de observação, como um diário e a presença do eu, ambos vemos na imagem 1. Tais características aparecem nos trabalhos que desenvolvo atualmente.

Tomar notas em diários, a partir de estímulos externos que atravessam o corpo, atingem os cinco sentidos e se transformam em palavra ou imagem é a base da minha poética. Não posso dizer o mesmo da presença visual do corpo nos trabalhos. Esse foi um tema questionado sobre o *Até Onde Ela Vai?*. Afinal, se a pesquisa é a partir de um corpo de uma mulher artista na cidade, por que ele não está nas imagens? Não havia o desejo de abordar dessa perspectiva. O lugar ocupado por mim era o de uma mulher que observa, uma mulher atrás da câmera. Porém, uma nova etapa começou.

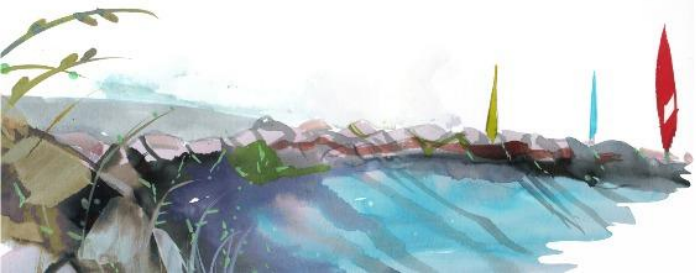


Imagem 2: Autorretrato, 2024. Fonte: Acervo da artista.

Iniciar uma pesquisa significava o retorno para as ruas até então. Desde o ingresso no doutorado, em 2023, devido a uma situação pessoal, mudei o posicionamento. Adotei uma postura aberta no cotidiano de recepção e disponibilidade para o entorno, ampliando a percepção dos sentidos e coletando fragmentos textuais e imagéticos. Ao estar atenta, observava situações em que o corpo se fazia presente em sombras e reflexos.

Influenciada pela fotógrafa Vivian Maier, passei a registrar autorretratos como o da imagem 2. Vivian Maier<sup>4</sup> era uma babá que fotografava principalmente as ruas de Nova York, uma mulher artista que ocupava a cidade, contribuindo para uma reflexão crítica pelo registro do cotidiano e de autorretratos. O seu trabalho foi descoberto anos após a sua morte, tornando-a uma referência da fotografia de rua.

Além dos autorretratos, a pesquisa presente no dia a dia resultou em fotografias e escritos. Não há uma metodologia linear. Há um instinto, um desejo de capturar uma



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

imagem ou pensamento e, posteriormente, acompanhar o resultado. Fotografava com o celular ou a câmera. Escrevia à mão ou não. E em um momento, selecionava, editava, imprimia e colocava no diário da dissertação compartilhado na imagem 3

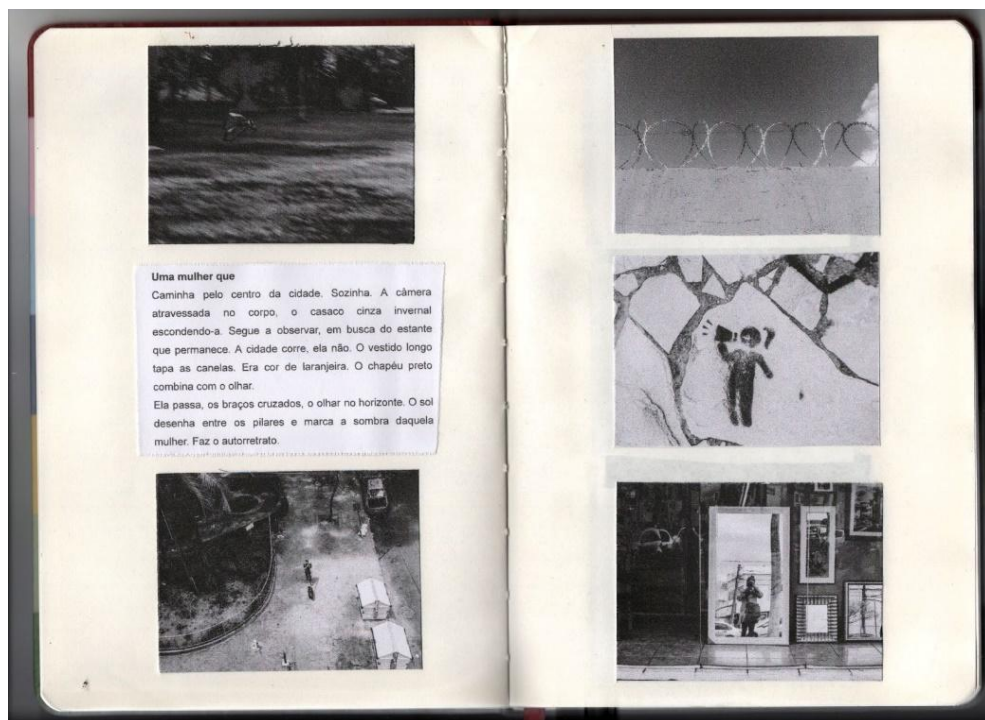


Imagem 3: Diário da dissertação, 2025. Fonte: Acervo da artista.

O processo descrito é o que fazia sentido no momento. Em 2024, surgiu a possibilidade de expor um trabalho no Rotas/Rutas II - Exposição e Simpósio Internacional, em Santa Maria. Optei por trazer o que estava fazendo até então e usar esse momento expositivo como uma experimentação. Tudo começou com uma ideia: expor fotografias e escritos lado a lado, porém não tradicionalmente. Além disso, desejava criar um ambiente com várias possibilidades de leitura, no qual o observador se sentisse impelido a se aproximar em consequência da curiosidade.

A instalação do material foi feita em um ponto de encontro entre duas paredes, conforme mostrado na imagem 4. As obras foram impressas no tamanho 29,7 x 21cm em offset 240g. Elas foram penduradas com prendedores em um fio de náilon,



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

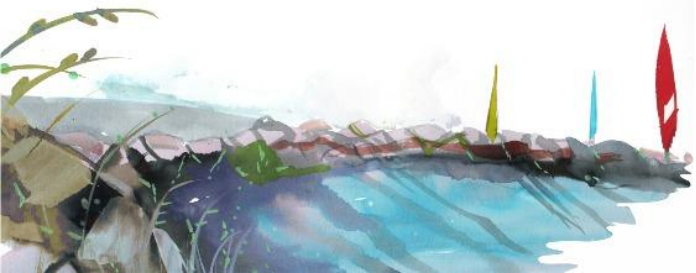
totalizando três linhas. Em cada fileira, três imagens e um texto. Dois desses estavam na horizontal, já o terceiro os atravessava na diagonal. A iluminação propiciou a projeção de sombras nas paredes, criando a possibilidade de múltiplas leituras.



Imagem 4: Imagens selecionadas para a exposição em Santa Maria. Imagem digital, 2024. Fonte: acervo da artista.

A exposição *Uma Mulher Que* evidenciou a importância da palavra no meu construir poético e a necessidade de um fazer coletivo. Pensar a montagem do trabalho, conviver com ele por alguns dias e a troca de ideias com as pessoas presentes, gerou indagações. Apesar de gostar do processo de criação e do resultado estético, sentia falta de situações para além do corpo das imagens. Os escritos e as fotografias foram baseados nas vivências de uma só mulher e ao olhar para eles, questioneei a ausência de perspectivas. Faltava algo ali. Precisava escutar mulheres que ocupam a cidade, acessar outras experiências e não limitar o trabalho a uma só. Precisava permitir uma polifonia de vozes.

Dessa forma, surgiu *Uma Mulher Que: O Formulário*.



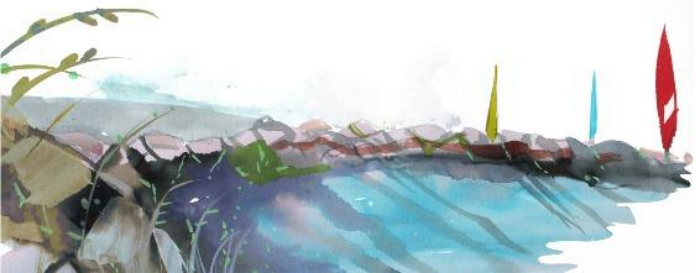
## **Este é um convite para mulheres que geram imagens**

*Quais as marcas inscritas pela cidade no corpo das mulheres?*

A perspectiva feminista passou a fazer parte do meu léxico em 2015 quando, em parceria com outras fotógrafas, fundamos a coletiva Nítida — Fotografia e Feminismo<sup>5</sup>. Ao questionarmos a invisibilidade das mulheres na história da arte e na fotografia, tal como o machismo no meio profissional, buscamos preencher uma lacuna divulgando os resultados de uma pesquisa séria e comprometida. Durante anos, realizamos exposições, ações, palestras e diversas atividades em universidades, escolas e festivais de fotografia. Atuamos a partir de uma abordagem feminista, buscando construir um espaço seguro para as mulheres que trabalham com imagem. Muita coisa mudou desde então. Os coletivos de fotógrafas se multiplicaram e as referências teóricas também. A Nítida não está tão ativa, porém as diversas ações realizadas seguem influenciando a minha pesquisa ao expandir a visão de mundo e descobrir referências mulheres.

Após a exposição *Uma Mulher Que*, em Santa Maria, reencontrei na ausência de olhares o desejo de retornar a uma escuta coletiva presente desde o final da dissertação de mestrado. Como trazer outras visões? Como acessar as histórias de outras mulheres? Faz sentido abrir o trabalho à participação? Ruminei por um tempo e solidifiquei a ideia antes de compartilhar com pessoas próximas em busca de opiniões. E foi em uma quarta-feira à tarde, ao expor e dialogar com a Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudia Vicari Zanatta sobre a proposta de coletar relatos de mulheres sobre situações vividas em cidades urbanas que *Uma Mulher Que* passou de uma experiência individual para uma coletiva.

As experiências prévias de propostas realizadas pela Nítida me forneceram uma noção de como operar projetos que fazem parte do espectro do sensível, envolvendo a atenção e a escuta de artistas. Em 2019, por exemplo, a Nítida realizou a ação *Mulheres Que Fotografam* na Casa Baka — Arte e Cultura em Porto



# extremos

34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Alegre<sup>6</sup> (imagem 5). A proposta era fazer um retrato e uma entrevista curta com mulheres que utilizavam a fotografia no trabalho. Fotografei a maioria das retratadas e tive a oportunidade de escutá-las. O foco da ação era a discriminação de gênero e o machismo na fotografia, conseqüentemente as perguntas carregavam isso em sua essência.



Imagem 5: Mulheres que fotografam, 2019. Fonte: acervo da artista.

Apesar de ter experiências colaborativas fazendo parte de uma coletiva, seria a primeira vez em que abriria à participação um trabalho individual. Comecei devagar. Escrevi um texto-convite explicando a proposta, segue abaixo:

Este é um convite para mulheres que geram imagens em diferentes áreas de atuação profissional: fotógrafas, artistas, etc. Convido você a compartilhar comigo relatos de situações, sentimentos e vivências— agradáveis ou não — vividos em Porto Alegre/RS e que, de alguma forma, estejam relacionados à experiência de ser mulher. Os relatos podem ser enviados no formato de texto, áudio ou fotografia. Não é preciso morar em Porto Alegre desde que a situação tenha ocorrido na cidade. A participação pode ser feita preenchendo o formulário deste link ou pelo e-mail [umamulherque@gmail.com](mailto:umamulherque@gmail.com) até o dia 8 de março de 2025. Caso você queira compartilhar a proposta com alguém, sinta-se à vontade. (FERREIRA, 2025).

Na construção do texto-convite, surgiram escolhas metodológicas. O objetivo era a coleta de relatos de mulheres visando a expansão de perspectivas de outros corpos ao estar em um espaço urbano. Defini duas escolhas que seguirão iguais nesta e nas próximas coletas. A primeira é o público-alvo, que são mulheres que geram



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

imagens em diferentes áreas de atuação profissional, como fotógrafas, artistas, etc. Afinal, desde o início do *Até Onde Ela Vai*, o trabalho envolvia a perspectiva de uma mulher artista que ocupa a cidade. A segunda é destacar que as experiências podem ser *agradáveis ou não*, desde que estejam relacionadas ao fato de ser mulher.

## UMA MULHER QUE

\* Projeto em desenvolvimento

Este é um convite para mulheres que gerem imagens em diferentes áreas de atuação profissional: fotógrafas, artistas, etc.

Convido você a compartilhar comigo relatos de situações, sentimentos e vivências— agradáveis ou não — vividos em Porto Alegre/RS e que, de alguma forma, estejam relacionados à experiência de ser mulher.

Os relatos podem ser enviados no formato de texto, áudio ou fotografia. Não é preciso morar em Porto Alegre desde que a situação tenha ocorrido na cidade.

A participação pode ser feita preenchendo o [formulário deste link](#) ou pelo e-mail [umamulherque@gmail.com](mailto:umamulherque@gmail.com) até o dia 8 de março de 2025. Caso você queira compartilhar a proposta com alguém, sinta-se à vontade.

### Sobre o projeto:

O projeto *Uma Mulher Que* integra a pesquisa de doutorado em desenvolvimento na área de artes visuais na UFRGS. O material compartilhado poderá ser utilizado na tese e em outras situações artísticas como exposições, sites, entre outros. Caso seja utilizado, a identidade das mulheres será preservada. Entretanto, ao enviá-lo, é importante que você esteja ciente e autorize o uso.



### SOBRE MIM

Sou Desirée Ferreira, fotógrafa, artista, pesquisadora, doutoranda e mestre em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (PPGAV/UFRGS). Pesquiso e desenvolvo projetos em diferentes linguagens, como fotografia, escrita e vídeo, abordando questões como a relação das mulheres com a cidade.

Imagem 6: Imagem do site da artista, 2025. Fonte: Acervo da Artista.

As demais definições são moldáveis conforme for necessário. A delimitação geográfica do primeiro texto-convite foi Porto Alegre/RS, por ser a cidade em que vivo e atuo. Os formatos de envio poderiam ser texto, áudio ou fotografia. Criei uma página em meu site ([link](#)) apresentando o *Uma Mulher Que*, como na imagem 6, contendo a chamada e o acesso ao formulário da imagem 7 ([link](#)). Em fevereiro de 2025, enviei a chamada para mulheres e pedi que a divulgassem para outras. O prazo era 8 de março de 2025.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

### Uma mulher que

Este é um convite para mulheres que geram imagens em diferentes áreas de atuação profissional: fotógrafas, artistas, etc.

Convido você a compartilhar comigo relatos de situações, sentimentos e vivências – agradáveis ou não – vividos em Porto Alegre/RS e que, de alguma forma, estejam relacionados à experiência de ser mulher.

Os relatos podem ser enviados no formato de texto, áudio ou fotografia. Não é preciso morar em Porto Alegre desde que a situação tenha ocorrido na cidade.

A participação pode ser feita preenchendo o formulário ou pelo e-mail [umamulherque@gmail.com](mailto:umamulherque@gmail.com) até o dia **8 de março de 2025**. Caso você queira compartilhar a proposta com alguém, sinta-se à vontade.

**Sobre o projeto:**  
O projeto *Uma Mulher Que* integra a pesquisa de doutorado em desenvolvimento na área de artes visuais na UFRGS. O material compartilhado poderá ser utilizado na tese e em outras situações artísticas como exposições, sites, entre outros. Caso seja utilizado, a identidade das mulheres será preservada. Entretanto, ao enviá-lo, é importante que você esteja ciente e autorize o uso.

**Sobre mim:**  
Sou Desirée Ferreira, fotógrafa, artista, pesquisadora, doutoranda e mestre em Poéticas Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (PPGAV/UFRGS). Pesquiso e desenvolvo projetos em diferentes linguagens, como fotografia, escrita e vídeo, abordando questões como a relação das mulheres com a cidade.

**Observação:**  
Estou ciente e autorizo que os arquivos enviados sejam utilizados pela proponente do projeto na tese de doutorado e em outras situações artísticas. Autorizo também o uso desses materiais em diferentes tipos de mídias, tanto digitais quanto impressas, sem qualquer restrição.

[barrosdesiree@gmail.com](mailto:barrosdesiree@gmail.com) [Mudar de conta](#)

🔒 Não compartilhado

Nome  
Sua resposta

Profissão  
Sua resposta

Cidade em que mora  
Sua resposta

E-mail  
Sua resposta

Relato escrito  
Sua resposta

Relato em outras mídias (mande um link)  
Sua resposta

Enviar Limp. Pedir ac

Imagem 7: Imagem do formulário, 2025. Fonte: Acervo da artista.

Durante o tempo de espera, inicialmente, atualizava o link e o e-mail em busca de atualizações. *E se ninguém participasse? Como lidar com tal situação? Devo divulgar em mais lugares?* Como artista, o desafio de trabalhar colaborativamente era novo. Enquanto esperava a data chegar, realizava leituras de teóricas e artistas feministas.

Em uma dessas pesquisas, reencontrei *El Tendedero*, uma obra seminal da artista mexicana Mónica Mayer. De acordo com Andrea Giunta (2019), o trabalho foi apresentado pela primeira vez no Salão de 1977/1978 no Museu de Arte Moderna do México. A proposta era abordar a relação da mulher com a cidade. A artista coletou uma série de relatos a partir da frase *“Como mulher, o que mais detesto na Cidade é...”*. Na galeria, ela pendurou papéis rosas em um arame da mesma cor com as respostas de mais de oitocentas mulheres de distintas idades, profissões e classes sociais. “Mayer investigava as formas de expor um arquivo desde dispositivos formais carregados de significados e os abria a participação do público, que agregava novos relatos [...]. (GIUNTA, p.2132, tradução minha).



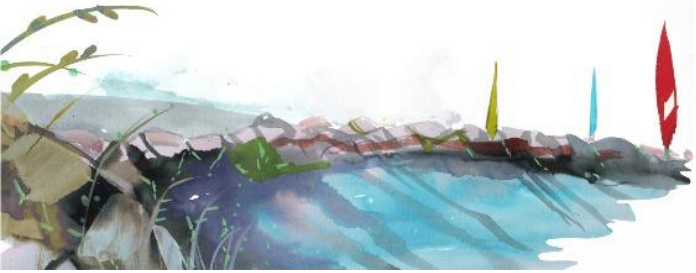
Imagem 8: Mónica Mayer, *El Tendedor*, 1978. Fonte: Museu de Arte Moderna, México

Desde então, a obra tem sido reativada em diferentes ocasiões, como aconteceu em Porto Alegre em 2020. O coletivo *Las Mariposas*, da *Casa de Referência Mulheres Mirabal*, realizou uma exposição na Fundação Ecarta<sup>7</sup>, na qual, apresentou a instalação. Revisitar o trabalho de Mónica Mayer após propor a primeira coleta de relatos foi importante para pensar sobre as possibilidades existentes e a potência de abrir para a participação de mais mulheres.

A chegada do 8 de março marcou a finalização para o envio de relatos. O número de envio foram nove, um número pequeno, então comecei a ler as respostas... E cada escrito atravessava como uma faca.

### **Respostas, reverberações e experimentações**

“Como se questionar sobre a vida sem se questionar também sobre a escrita? Sem se perguntar se esta reforça ou perturba as representações aceitas, interiorizadas, sobre os seres e as coisas?” (ERNAUX, 2022, p. 98). Ao começar a leitura dos relatos, lembrei a passagem da escritora francesa Annie Ernaux por serem



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

questões que se aplicam à arte. Nove respostas foram enviadas, a maioria dos relatos abordava situações de machismo e violência. Ao lê-los, senti a responsabilidade ética de acessar as histórias e imagens de outras mulheres. Essa passou a ser uma questão fundamental com a qual passei a conviver.

A primeira etapa do trabalho foi abrir para a participação. Não havia um objetivo pré-determinado ao convite, além de propor que as mulheres enviassem relatos, as situações e as vivências. Queria receber o material para decidir o caminho a partir dali. Após o término do prazo de envio, realizei a primeira leitura, organizei tudo em um arquivo digital e imprimi para tê-los em um formato físico, então comecei a trabalhar. Recebi oito relatos e uma imagem. O contato inicial me impulsionou à necessidade de passá-los a mão em um caderno.



Imagem 9: *Uma Mulher Que*, 2025. Fonte: Acervo da artista.



# extremos

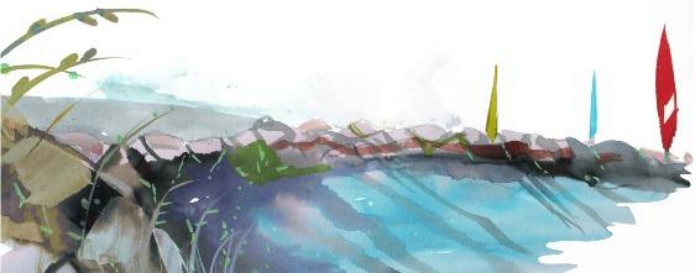
34º Encontro Nacional *anpap* © FURG Rio Grande/RS

Comecei pelo relato da Ursula Jahn<sup>8</sup>, fotógrafa, artista e arte-educadora. Em uma manhã cinza e fria, palavra por palavra, a escrita atingia a minha visão e a mente, passava pela mão e desembocava no papel, causando um desconforto físico, um aperto no estômago e suspiros que saíam como arfadas. Visualizei as cenas e, ao transcrever o relato, decidi que precisava ir até os locais citados.

Domingo, entre 14h e 15h, deixei o carro em um estacionamento e caminhei até a passarela da rodoviária que conectava a estação à rua da Conceição. Apesar de saber que ela foi derrubada em maio de 2024 para a construção do corredor humanitário durante as enchentes<sup>9</sup>, resolvi ir lá. A caminhada foi curta. No trajeto havia câmeras e, embaixo do viaduto, havia dois policiais. Eu não estava só. Subi no que restou do viaduto e fotografei. Percebi os olhares de curiosidade ao pegar a câmera e, ao visualizar a passarela em si, senti uma apreensão. Continuei a caminhada até a estação de trem, que também estava fechada para a manutenção. De qualquer forma, fotografei.



Imagem 10: *Uma Mulher Que*, 2025. Fonte: Desirée Ferreira (Imagem) e Ursula Jahn (texto). Acervo da artista.



Fotografei com as histórias marcadas no corpo. Estar próxima aos locais dos relatos foi uma forma de absorver e documentar os espaços onde ocorreram as violências. Convivi por dias com as fotografias antes de experimentar a forma de trazê-las (imagem 10), aproximando fotografia e escrita. Destaco que é um trabalho em processo, ainda incipiente.

A saída até o local se mostrou essencial, porém, ao ler o segundo relato e visando trabalhar a partir dele, a necessidade não foi a mesma. Ele exigia uma proposição diferente. Vejo que, em cada participação, a exigência é uma atenção especial que pode gerar o desejo de ir até a zona citada ou não. Em cada participação, o cuidado é imprescindível para trabalhar com ética e responsabilidade.

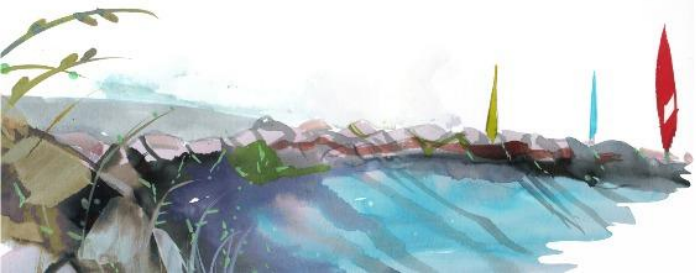
## **Considerações Finais**

*Uma Mulher Que* é um trabalho em processo. O disparador principal para a criação da proposta foi o corpo de uma mulher artista e, a partir dele, surgiram experimentações e processos que culminaram no trabalho exposto em Santa Maria, o qual evidenciou a importância de um fazer coletivo.

Nesta nova etapa da produção artística, a partir do questionamento *Quais as marcas inscritas pela cidade no corpo das mulheres?*, o convite à participação foi lançado. A experiência resultou na colaboração de nove mulheres com relatos predominantemente sobre violências.

A partir do trabalho, muitas dúvidas permaneceram: como ampliar o número de participantes? Além disso, todas as mulheres que participaram são brancas, de classe média, portanto, como possibilitar a participação de mulheres de diferentes raças e classes? Como devolver os relatos ao espaço público? A ideia é que tais questionamentos sejam abordados em desdobramentos futuros da proposta.

É importante destacar que, ao mesmo tempo que esse artigo está sendo escrito, novos desdobramentos estão em curso. O trabalho integrou a exposição *Inscrever-*



Nós: Palavras de (dês)ordem na SALA, galeria do Centro de Artes da Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Dessa vez, a proposta estava relacionada a palavra/narrativa em um espaço expositivo.

A escritora Leslie Kern (2021), no livro *Cidade Feminista*, afirma: “Como mulher, minhas experiências urbanas cotidianas estão profundamente ligadas ao gênero. Minha identidade de gênero molda como eu me movo pela cidade, como vivo meu cotidiano e as opções que estão disponíveis para mim.” (Kern, 2021, p.21 e 22). A participação de mulheres trazendo relatos perpassados por violência evidenciou a relevância da proposta. Futuramente, busca-se mergulhar no tema e ampliar a participação de outras mulheres. Durante a construção do artigo, destaquei que integro um arcabouço de artistas que abordam o corpo da mulher no espaço urbano. Encontrei na colaboração uma forma de ampliar essa reflexão. Hoje, busco desenvolver um trabalho participativo, pautado pela ética e responsabilidade.

## Referências

CALLE, Sophie. Suite Vénitienne. 1. ed. [S. l.]: Siglio, 2015. 96 p.

ECARTA. In: El Tendedero de Mónica Mayer. [S. l.], 12 dez. 2023. Disponível em: <https://www.ecarta.org.br/projetos/galeria-ecarta/el-tendedero-de-monica-mayer-romper-silencios-fomentar-redes/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

ERNAUX, Annie. A escrita como faca e outros textos.

FERREIRA, Desirée. Até onde ela vai?: muro, corpo e cidade: uma prática artística feminista em deslocamento. Orientador: Cláudia Vicari Zanatta. 2020. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Artes. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais., [S. l.], 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/217869>. Acesso em: 03 jun. 2025.

KERN, Leslie. Cidade Feminista: a luta pelo espaço em um mundo desenhado por homens / Leslie Kern ; [tradução de] Thereza Roque da Motta. — Rio de Janeiro: Oficina Raquel; 2021. 155 p.

GIUNTA, Andrea. Feminismo y arte latinoamericano: Historias de artistas que emanciparon el cuerpo (Arte y pensamiento) (Spanish Edition) . SIGLO XXI MEXICO ARGENTINA. Edição do Kindle.



GUITARRARA, Paloma. "Enchentes no Rio Grande do Sul"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/enchentes-no-rio-grande-do-sul.htm>. Acesso em 08 de junho de 2025.

ROUILLÉ, André. A fotografia: entre documento e arte contemporânea. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2009.

URSULA Jahn. In: Bio/Contato. [S. l.], 12 dez. 2024. Disponível em: <https://ursulajahn.com.br/bio-contato/>. Acesso em: 6 jun. 2025.

## Notas

---

<sup>1</sup> Doutoranda e Mestre em Artes visuais Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (PPGAV/UFRGS). Orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra.<sup>a</sup> Cláudia Zanatta e integrante do grupo de pesquisa Cidadania e Arte. E-mail: [barrosfdesiree@gmail.com](mailto:barrosfdesiree@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9184-9610>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/5194863121514886>. Porto Alegre/RS, Brasil.

<sup>2</sup> O mestrado foi realizado no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na UFRGS (PPGAV), entre 2018 e 2020, sob a orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Cláudia Vicari Zanatta. A dissertação *Até onde ela vai? muro, corpo e cidade* está disponível no link <http://hdl.handle.net/10183/217869>.

<sup>3</sup> O trabalho fez parte da exposição coletiva Rotas/Rutas II aconteceu na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) entre os dias 12 e 22 de novembro de 2024 na sala Cláudio Carriconde e na sala de exposições dos Laboratórios de Humanidades SIPEH. Além da exposição aconteceu também o Simpósio Internacional Rotas/Rutas II.

<sup>4</sup> A fotógrafa foi uma das referências citadas na dissertação de mestrado já citada por ser uma artista que ocupou as ruas das cidades. No site (<https://www.vivianmaier.com/>) oficial está disponível muito das suas fotografias. No documentário Finding Vivian Maier é possível conhecer a história da sua descoberta, vida e obra.

<sup>5</sup> Nítida – fotografia e feminismo foi uma coletiva que buscava a equidade no mundo da fotografia. Surgiu em 2015 em Porto Alegre/RS, constituindo um dos primeiros coletivos de fotógrafas do Brasil. Atualmente a coletiva não está ativa, entretanto é possível acessar e conhecer o trabalho no site <https://nitidafotografia.wordpress.com/nitida/>.

<sup>6</sup> *Mulheres que fotografam* aconteceu em junho de 2019 e fez parte da exposição coletiva Registro n.3. O resultado foi publicado nas redes sociais da coletiva, no blog ([link](#)).

<sup>7</sup> A Fundação Cultural e Assistencial Ecarta é uma entidade que realiza projetos nas artes visuais, música, educação, assistência e cultura fundada pelo Sindicato dos Professores do Ensino Privado do RS (Sinpro/RS). Para saber mais, acesso o site: <https://www.ecarta.org.br/>.

<sup>8</sup> Ursula Jahn é artista visual e arte-educadora, graduada em Fotografia pela UNISINOS. Trabalha com mediação cultural e oficinas artístico-pedagógicas. Sua pesquisa artística, de caráter autobiográfico, explora a percepção do corpo, a autoimagem, a memória ancestral e as poéticas dos processos híbridos, atravessando a fotografia, performance, vídeo e material de arquivo. (JAHN, 2025). Você pode conhecer o trabalho da artista no site: <https://ursulajahn.com.br/>

<sup>9</sup> As enchentes no Rio Grande do Sul começaram ao final de mês de abril de 2024 e foram até maio. 95% dos municípios do estado foram atingindo, afetando milhões de pessoas.